



INFLUÊNCIA DA IMIGRAÇÃO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO SÓCIO ESPACIAL DO MUNICÍPIO DE JAGUAQUARA/BA

Edinaldo da Silva Santos¹
Tainá Ribeiro de Souza²
Flávia Silva de Souza³

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal apresentar um breve histórico das influências da imigração no processo de formação sócio espacial do município de Jaguaquara/BA, apontando as heranças que permaneceram ao longo do tempo marcando, de modo significativo, a cidade até os atuais dias. Foi com esse propósito que foram realizados levantamentos bibliográficos e documentais, além de entrevista e discussões feitas com escritores e descendentes de imigrantes, no intuito, de discutir contextos relevantes da história mundial atrelados a história regional e local, para melhor compreender a realidade sócio espacial do povo jaguaquarense na perspectiva do processo migratório, marcado pela chegada de portugueses, italianos e japoneses que contribuíram, sobretudo, no comércio e na agricultura municipal.

Palavras-chaves: Imigração, Jaguaquara, Formação sócio espacial.

¹ Licenciando do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
- Email: edinaldosilva477@gmail.com

² Licencianda do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
- Email: tainaribeirosouza@gmail.com

³ Professora do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
(orientadora) - Email: flavia.souza@si.ifbaiano.edu.br.

INTRODUÇÃO

O objetivo principal desse artigo é apresentar um breve histórico das influências da imigração no processo de formação sócio espacial do município de Jaguaquara/BA, apontando as heranças que permaneceram ao longo do tempo marcando, de modo significativo, a cidade até os atuais dias. É, nessa perspectiva, que serão tratados os elementos da formação de uma das mais influentes cidades do Vale do Jiquiriçá, mais precisamente, dos aspectos voltados ao processo imigratório ocorrente ainda, nos seus primórdios, quando a localidade era apenas uma fazenda.

Jaguaquara é um município localizado no sudoeste baiano, nas microrregiões de Jequié e do Vale do Jiquiriçá, situado à 325 Km de Salvador, capital do estado. O município tem uma população estimada de 56.033 habitantes (IBGE/2017) e se destaca no contexto agrícola pela produção de hortifrutigranjeiros, sobretudo, tomate, batata e chuchu (Portal da Prefeitura Municipal de Jaguaquara, 2018).

Escrevemos esse artigo na tentativa de descobrir o porquê da forte relação do município de Jaguaquara/BA com os imigrantes portugueses, italianos e japoneses, uma vez que, a história da formação do município está diretamente atrelada à imigração ocorrente nessa região, e assim, destacar as heranças que permanecem na atualidade, pois, é de grande relevância compreender as influências das modificações humanas ao longo da história nesse espaço geográfico, como uma maneira de aproximar os indivíduos que o compõe da sua própria realidade espacial, sobretudo, no que diz respeito ao ensino da Geografia que há tempos parece ter sido distanciado da realidade dos estudantes, visto o pouco interesse pela área de estudo.

Para alcançar estes objetivos, algumas questões orientaram este artigo, a saber: Qual a relação do município de Jaguaquara/BA com a imigração de portugueses, italianos e japoneses? Quem foram os primeiros imigrantes a se instalarem nessa localidade? O que motivou e proporcionou a instalação desses povos nessa região baiana? Que transformações esses imigrantes proporcionaram a essa região, hoje cidade de Jaguaquara/BA? Quais as contribuições desse processo imigratório na economia e cultura jaguaquarense? Quais as heranças deixadas pelos imigrantes na história de Jaguaquara/BA que permanecem na atualidade?

Com esse propósito foram realizados levantamentos bibliográficos e documentais, além de entrevista e discussões feitas com escritores e imigrantes, no intuito, de discutir contextos relevantes da história mundial atrelados a história regional e local para melhor compreender a realidade sócio espacial do povo jaguaquarense, na perspectiva do processo imigratório, marcado pela chegada de portugueses, italianos e japoneses que contribuíram, sobretudo, no comércio e na

agricultura municipal. Desse modo, devemos partir de uma análise histórica global para melhor compreender a história local de Jaguaquara/BA.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DO BRASIL: ENFOQUE NA FORMAÇÃO DO POVO JAGUAQUARENSE.

Para melhor compreender as marcas da imigração que impulsionou a formação do município baiano de Jaguaquara, faremos um breve levantamento histórico, visto que, como aponta Milton Santos

Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem (SANTOS, 1982, p. 1).

Assim, concordando com Santos, é necessário contextualizar o passado brasileiro, mais necessariamente, o ano de 1500 quando impulsionados pela expansão marítima os portugueses chegaram as terras que se tornaria o Brasil e, desde então, começaram a exploração das riquezas do chamado novo mundo, como o pau-brasil e outras tantas da nossa fauna e flora, através, da prática do escambo que consistia na troca de mercadorias diversas pelo serviço dos nativos, e posteriormente, optando por uma forma de ocupação efetiva, por meio, do povoamento e colonização.

Nesse intuito, por volta do ano de 1530 adotaram o sistema das Capitânicas Hereditárias, que se constituiu em dividir o litoral brasileiro em 12 setores lineares que se limitavam à linha imaginária estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas. Os titulares das capitânicas eram os capitães-donatários os quais receberam grandes poderes da Coroa portuguesa. O instrumento legal para a distribuição das terras foi a Lei das Sesmarias, que eram uma grande extensão de terra virgem doada a um sesmeiro, que tinha a obrigação de, por tempo determinado, trabalhar nelas diretamente ou por terceiros pagando a sexta parte da obtenção da produção, a chamada sesma, à coroa. (FAUSTO, 1996). Cabe aqui ressaltar que a fazenda Toca da Onça, de onde surgiu o município jaguaquarense, fazia parte da capitania de Ilhéus, visto que, “os proprietários mais antigos que se tem registro (de 1800) eram os portugueses Capitão Manoel Esteves de Souza e Dona Maria Tereza de Jesus, provavelmente sucessores de sesmeiros da capitania de Ilhéus” (ROSA, 2016, p.42).

A doação das sesmarias pelos donatários deu origem à formação de extensos latifúndios, onde implantaram a cultura da cana-de-açúcar, sobretudo, na costa brasileira, assim, foram traçadas as bases da nova política econômica, apoiada nas sesmarias e nos engenhos de açúcar, que atrelado ao regime da escravatura constituiu-se nos pilares da antiga sociedade colonial. As doações de terras para a implantação de engenhos só vieram a diminuir no séc. XVIII com a crise da produção açucareira que deu início a corrida do ouro, mas somente em 1812 essas sesmarias foram extintas oficialmente (FAUSTO, 1996).

Nesse contexto histórico temos a figura dos índios e dos negros, ambos escravizados, quando os colonizadores aqui chegaram encontraram uma população significativa de nativos, os quais foram denominados de índios. Os povos indígenas eram muitos, com costumes e tradições diversas espalhadas por tribos em todo o território brasileiro. O primeiro contato do colonizador com os nativos foi passivo, mas, após a fase do escambo, houve uma tentativa, fracassada, da escravização dos povos indígenas que resistiram a prática do trabalho intenso (FAUSTO, 1996), que ia contra a sua cultura baseada apenas no trabalho que garantisse a sua subsistência, como destaca o historiador Boris Fausto(1996 p.28), “Os índios resistiram às várias formas de sujeição, pela guerra, pela fuga, pela recusa ao trabalho compulsório. Em termos comparativos, as populações indígenas tinham melhores condições de resistir do que os escravos africanos”

Percebemos, dessa forma, que os indígenas tinham uma enorme vantagem sob os africanos, pois, os mesmos conheciam melhor que ninguém as terras brasileiras e suas florestas, enquanto que os africanos foram trazidos a um território estranho, o que facilitava a sua escravização. Desta forma se deu início ao tráfico negreiro, que se tornou a base da mão de obra nos engenhos e nas minas, significando uma atividade altamente lucrativa para os portugueses, segundo Fausto

Os africanos foram trazidos do chamado "continente negro" para o Brasil em um fluxo de intensidade variável. Os cálculos sobre o número de pessoas transportadas como escravos variam muito. Estima-se que entre 1550 e 1855 entraram pelos portos brasileiros 4 milhões de escravos, na sua grande maioria jovens do sexo masculino (FAUSTO, 1996 p.29).

Salvador e o Rio de Janeiro foram os maiores centros importadores de escravos, os traficantes baianos utilizaram-se do fumo produzido no Recôncavo como uma valiosa moeda de troca no litoral africano. Na Bahia eram predominantes os negros oriundos da região da Guiné, os chamados sudaneses (FAUSTO, 1996).

Essa imigração forçada durou séculos, o Brasil foi o último país do mundo a abolir a escravidão, somente “após a Independência do Brasil em 1822, começou a crescer, muito lentamente, o movimento pela libertação dos escravos, até que, em 1888, veio a abolição da escravatura, contra a vontade da elite financeira do país” (ROSA, 2016, p.28). Embora, essa não tenha significado a real libertação dos negros, a quem só restou vagar sem rumo pelo território brasileiro, sem nenhuma proteção dos poderes públicos, formando as favelas das cidades. Vale frisar que, assim, como os índios os negros tiveram uma grande importância na formação do povo brasileiro, sobretudo, nos aspectos culturais, no entanto, foram colocados de lado e hoje pouco se tem relatado na história do nosso país, bem como na história de Jaguaquara, sobre esses importantes personagens que sofrem as mazelas do preconceito, até os dias de hoje.

O IMIGRANTE PORTUGUÊS

O que sustentava a economia do Brasil Império era a produção de café, porém, com o fim da escravatura a cafeicultura corria o risco de, por falta de mão de obra, entrar em colapso, “assim, o governo brasileiro começou a atrair imigrantes europeus (portugueses, italianos, alemães, espanhóis) e japoneses para substituir a mão de obra escrava pelo trabalho assalariado” (ROSA, 2016, p.28.), de modo que, milhares de imigrantes passaram a chegar todos os anos ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Nesse contexto passaremos a conhecer a história de um dos mais importantes personagens da imigração para Jaguaquara/BA, a do português Guilherme Martins do Eirado e Silva, aquele que viria a tornar-se o fundador desse município.

O município de Jaguaquara/BA, cujo nome advém do tupi guarani significando Toca da Onça, tem relação direta com o processo imigratório, sendo que a sua fundação ocorreu graças ao português Guilherme Martins do Eirado e Silva como lembra o professor Lígio Farias, “sem Guilherme do Eirado e Silva, Jaguaquara não existiria, também o nome Toca da Onça, ficaria esquecido” (FARIAS, 2011, p.39).

Foi em busca de riquezas e de melhores condições de vida que o seu pai Antônio do Eirado mandou ao Brasil Guilherme Silva, português nascido em 25 de maio de 1873 na cidade de Póvoa de Varzim ao norte de Portugal. Guilherme chegava ao Brasil em janeiro de 1886, dois anos antes da abolição da escravatura, quando tinha apenas 13 anos de idade. Chegando à Bahia instalou-se inicialmente em Salvador, mas logo passou a residir no Vale do Jiquiriçá, dirigindo-se inicialmente ao então distrito de Nova Laje, e pouco depois passou a residir em Areia, atual cidade de Ubaíra, município do qual fazia parte a fazenda Toca da Onça, e onde atuou como comerciante criando influentes amizades (ROSA, 2016).

Guilherme Silva apesar de sua pouca idade, tinha perfeita dimensão das dificuldades que teria de enfrentar. Era uma questão de sobrevivência, assim, logo cedo, desenvolveu grande senso de responsabilidade e sabia que o conhecimento era – é, e sempre será – fundamental para a compreensão do mundo e para o bom relacionamento humano. (ROSA, 2016, p. 30).

Foi dessa forma que o português conquistou poder, progredindo nos negócios comerciais na região. Ainda em Areia, Guilherme conheceu a jovem Maria Luzia de Souza, com quem casou-se aos vinte anos, tendo nascido dessa união oito filhos. Até então, talvez não se poderia imaginar que aquele seria o fundador de uma nova cidade, a de Jaguaquara/BA, porém, Guilherme logo viria a conhecer a fazenda Toca da Onça, localizada entre os municípios de Areia e Jequié que “pertencia à poderosa firma Fortunato Pinho Avelar e Cia, estabelecida em Aratuípe, cidade próxima à Nazaré, e era administrada pelo português Antônio Gomes Pita, que também explorava a casa comercial Gomes Pita e Cia Ltda.” (ROSA, 2016, p.39).

Assim, não demoraria muito para que aquele jovem empreendedor viesse a conquistar a fazenda Toca da Onça. Com a morte de Antônio Gomes Pita foi Guilherme Silva que se tornou o novo sócio da Firma Fortunato Pinho Avelar e Cia, reabrindo a antiga casa comercial Gomes Pita e Cia, através de um contrato, no qual, também, arrendava a fazenda Toca da Onça (ROSA, 2016), de modo que

Assim, vendeu tudo que tinha na vila de Areia e, no mês de junho de 1896, foi administrar o novo empreendimento. Reaberta a casa comercial o português volta à Areia para trazer sua esposa e filha. A chegada definitiva de Guilherme Silva à fazenda Toca da Onça aconteceu no dia 2 de julho do mesmo ano (ROSA, 2016 p. 40).

Foi assim que Guilherme passou a ser um influente comerciante; devido a posição geográfica daquela fazenda privilegiada pelo tráfego de tropeiros que por ali viajavam até o alto sertão. Após receber a sua parte da herança do seu pai e com os lucros dos seus bem-sucedidos negócios, no ano de 1908, quando venceria o seu contrato ele consegue adquirir a fazenda Toca da Onça que não era mais uma simples fazenda, mas sim, um pequeno povoado que “disponha de escola, possuía agência postal, pensão, alguns armazéns e dezenas de casas residenciais para abrigar uns duzentos habitantes” (ROSA, 2016, p.47). Com essa conquista Guilherme passava de comerciante e fazendeiro a chefe político daquela localidade, e usaria da sua influência e amizades políticas para trazer ao povoado várias conquistas, a exemplo do desvio dos trilhos da Estrada de Ferro Nazaré para a sede do povoado, depois de enfrentar várias lutas políticas. De maneira que, em 1913 a tão esperada linha de trem chegou ao povoado de Toca da onça, que dois

anos mais tarde passou a ser chamado de Jaguaquara, época em que a sua população dobrou (ROSA, 2016). Essa conquista significou um grande progresso econômico que perdurou durante vários anos, devido ao intenso fluxo de pessoas e mercadorias de muitas regiões naquele local.

Pouco tempo se passou e Jaguaquara logo tornou-se cidade, “passando essas etapas de fazenda de gado e de vilarejo Jaguaquara viria incorporar-se a quantos outros municípios do geográfico baiano para usufruir das vantagens de lei e outras” (FARIAS, 2011, p.36). Foi em 18 de maio de 1921 que Jaguaquara foi desmembrada de Areia e elevada à categoria de vila e município. A partir daí o Sr. Guilherme passou a fazer várias doações de terrenos que aos poucos iam moldando a paisagem local, influenciando a formação sócio espacial da crescente cidade. A exemplo da doação do terreno para a construção de uma capela para realizações das missas e celebrações religiosas, visto que, assim, como o casal Guilherme e Luzia Silva a população era, predominantemente, católica crença herdada do Cristianismo difundido no Brasil pelos colonizadores europeus, fé propagada até os dias atuais pelo povo Jaguaquarense. De maneira que, “no dia 23 de março de 1923, foi criada a paróquia” (FARIAS, 2011, p.55) que sob influência de Dona Luzia Silva devota de Maria Auxiliadora foi batizada de Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, e desde então, os moradores e visitantes da cidade podem contemplar a imponência da igreja Matriz situada, estrategicamente, no topo do morro, frente a ladeira que liga a Muritiba, um dos mais importantes bairros da cidade, ao centro da praça principal.

Tudo isso graças a chegada do sonhador português ao Brasil, Guilherme faleceu na cidade, a qual fundou, em 31 de maio de 1952, deixando descendentes, dentre os quais, destaco a senhora Abigail do Eirado Silva esposa do, também, já falecido Sr. José do Eirado Silva, filho do fundador municipal, popularmente conhecida como dona Bisa, mulher influente e ativa no cotidiano dessa cidade, era tida como memória viva da história de Jaguaquara, mas prestes a completar seus 95 anos de idade e após enfrentar problemas de saúde faleceu em 18 de Abril de 2017, causando grande comoção entre a população jaguaquarense. Assim, ainda que outros portugueses aqui também tivessem se instalado, foi Guilherme Martins do Eirado e Silva que marcou o povo jaguaquarense com sua vitoriosa história.

A IMIGRAÇÃO ITALIANA

Um outro importante capítulo da imigração municipal se deu com a chegada de um significativo número de imigrantes italianos, notícia que na ocasião foi motivo de grande euforia entre os moradores locais

A sessão da Câmara de 21 de novembro de 1949 foi particularmente concorrida e chegou a quebrar a rotina da cidade. Era o técnico do Ministério da Agricultura, Dr. Antônio Moura Serra, que veio falar sobre a vinda de imigrantes italianos e escolher o local para a instalação do Núcleo Colonial, para abrigar os colonos. A população ficou exultante com a boa notícia e começou a se preparar para receber os italianos. (ROSA, 2016 p. 191).

Portanto, a chegada dos imigrantes italianos à Jaguaquara foi aclamada pela população e fazia parte da política de incentivo a imigração patrocinada pelo Governo Federal desde a última metade do século XIX. Mas o que viria a mudar na história do município Jaguaquarense após a chegada desses italianos? O que os trouxe ao Brasil? E mais precisamente, o que favoreceu a permanência, de parte deles, em Jaguaquara/BA? Pois bem, chamamos a atenção para o fato de que no período pós Segunda Guerra Mundial, a partir de 1945, a Itália estava arrasada como lembra a historiadora Luciana Facchinetti

Vinte anos de fascismo, mais vinte meses de guerra civil, outros tantos de forte combate nos campos e nas cidades, com a lenta destruição de casas, fábricas, ferrovias e de pontes tanto pelos aliados quanto pelos alemães, deixaram a Itália destrocada. (FACCHINETTI, 2003 p. 37).

Desta forma, os italianos sofriam as trágicas consequências deixadas pela guerra, que levou destruição, tristeza e morte ao país que tinha extremas dificuldades para se reerguer. O desemprego assolava as famílias italianas, que encontraram na emigração a solução, ainda que traumática, pois teriam que abandonar a sua terra natal em busca de melhorias. Em contraponto, a economia brasileira estava em ascensão, por isso, o governo passou novamente a promover incentivos a imigração visando suprir a necessidade de uma mão de obra qualificada, o que impulsionou a chegada de milhares de imigrantes italianos ao Brasil. A Bahia passou a receber, a partir de 1949, vários grupos que compuseram algumas colônias italianas no estado e “em Jaguaquara, a poucos quilômetros da Colônia Batéia, o governo federal também fundou a sua própria colônia, em 1950” (BENEDINI, 2013, p.18), no entanto, já haviam chegado antes da criação dessa colônia agrícola em Jaguaquara/BA alguns imigrantes italianos, isso por volta do ano de 1915, quando a localidade era apenas um povoado, porém, foi em 1950 que chegaram aqueles que marcaram a vida da cidade. Para poderem chegar ao Brasil os imigrantes eram auxiliados pelo governo brasileiro, que custeava as passagens de navio e a alimentação. Todavia, essas viagens não eram nada confortáveis e duravam em média mais de oito dias, e assim, ocorreu com os italianos que se fixaram em Jaguaquara

Após essa longa e ansiosa trajetória eles aportaram no Rio de Janeiro, que naquela época, era nossa capital Federal. De lá embarcaram para Salvador a bordo de um navio cargueiro, chegando aí, tomaram o trem de ferro rumo a Jaguaquara, desembarcando aqui numa tarde de maio, ao som da locomotiva da antiga Estrada de Ferro de Nazaré. (FARIAS, 2011 p. 76).

Aqui chegando em maio de 1950, cada família recebeu um lote de terra, onde podiam se instalar e produzir. Eles introduziram à cultura local produtos antes totalmente desconhecidos, como a beterraba, o couve-flor e a batatinha, eles cultivavam, também, o tomate, as verduras, além do trigo, que com o tempo perderia espaço na produção municipal. Eles mudaram a agricultura praticada nessa localidade, que antes pautava-se na cafeicultura e na lavoura fumageira e de subsistência (FARIAS, 2011).

Jaguaquara, em particular, tinha-se tornado o maior mercado de verduras da Bahia e fornecia as feiras do Ceará e de São Paulo, além que as de outros estados. Tamanho progresso, verificado em tão pouco tempo após a chegada dos colonos, demonstra por si só a enorme contribuição dos italianos ao desenvolvimento da horticultura baiana. (BENEDINI, 2013 p. 20)

De modo geral, a influência mais marcante dos italianos ao município foi a implantação de novas técnicas de cultivo e produções agrícolas, impulsionando o crescimento local, o que proporcionou que a cidade fosse contemplada, anos mais tarde, com a instalação da Central de Abastecimento de Jaguaquara o CEASA, único na região, exportando os produtos de hortifrúteis para vários outros municípios baianos, e mesmo, para outros estados brasileiros como Sergipe, Alagoas e Pernambuco, estabelecendo a cidade como um grande centro comercial de abastecimento de hortifrutigranjeiros (Diagnostico municipal de Jaguaquara-Ba.2013), o que movimenta a economia do município. Mas para, além disso, esses imigrantes fortaleceram, ainda mais, a religiosidade local, visto que, “o catolicismo em Jaguaquara também foi fortemente beneficiado com a presença dos italianos” (ROSA, 2016, p.196), já que os italianos comungavam com as tradições católicas em seu país de origem, de maneira que, os padres capuchinhos, oriundos da Itália, passaram a comandar a paróquia local, por volta de 1943. Foi também, o Frei Mauricio de Mercatello da ordem dos frades capuchinhos que em 1961 fundou o Colégio Pio XII (FARIAS, 2011), que passou a atender a população oferecendo um ensino sob influência religiosa, hoje o mesmo colégio transformou-se no Centro Estadual de Educação Profissional em Alimentos e Recursos Naturais Pio XII, responsável pela formação educacional da maioria da população jaguaquarense, oferecendo o ensino médio e profissionalizante, agora sem vínculo direto com a questão religiosa.

Outro importante colégio da cidade criado sob influência dos imigrantes, foi o Colégio Luzia Silva, fundado em 1950 com a chegada das Irmãs Franciscanas Imaculatinas vindas da Itália e que tinham como ideal promover a fé católica, por meio, da educação. Esse era também um antigo sonho do fundador do município o Coronel Guilherme Silva e da sua esposa a Sr. Maria Luzia Silva que foi homenageada tendo o seu nome dado ao Colégio, pedido feito antes da sua morte, assim, surgia na antiga casa sede da fazenda Toca da Onça, doada pelo português Guilherme Silva, a escola particular que inicialmente atendia aos filhos da elite local (ROSA, 2016). Na atualidade a escola é mantida uma parte pelo governo estadual, responsável pelo ensino fundamental II e outra parte pela prefeitura municipal, que responde pelo ensino fundamental I. Ainda hoje, o Colégio Luzia Silva mantém a mesma característica religiosa, no entanto, agora direcionado pelas Irmãs Ursulinas, se mantendo como referência em qualidade de ensino na região.

OS JAPONESES NA TOCA DA ONÇA

Faremos, pois agora, uma viagem ao outro lado do planeta, para conhecermos a trajetória de um outro importante grupo de imigrantes vindos ao Brasil, refiro-me aos japoneses, que também tiveram sua história atrelada ao município baiano de Jaguaquara. O processo imigratório que trouxe um grande número de japoneses ao território brasileiro foi motivado por diferentes interesses de ambos os países, pois se por um lado o Brasil necessitava de mão de obra para atuar na lavoura, por outro lado, o Japão vivia, inicialmente, um momento de tensão demográfica, que precisava ser de alguma forma aliviada, e a imigração tornou-se a resolução para ambas as carências vivenciadas por esses distintos países (ALMEIDA, 2007), porém, a busca por japoneses para trabalharem em terras brasileiras não foi uma primeira opção, visto que

O governo brasileiro agia com desconfiança com relação ao imigrante japonês, por considerar o Japão, um país constituído de cultura e raça distintas. Por isso, a prioridade era dada aos europeus e, dessa forma evidenciava certo preconceito contra os imigrantes nipônicos. Mesmo que o foco principal estivesse em outros países em desenvolvimento, algum tempo depois elevou-se a necessidade de receber indivíduos da Itália, de Portugal, Espanha e cogitou-se também imigrantes da Ásia, o que favoreceu a economia das fazendas de café do Brasil (ALMEIDA, 2007 p. 18)

De maneira que, houve em primeiro momento, uma resistência a promoção da imigração de asiáticos para o Brasil, e os japoneses acabaram chegando aqui bem depois dos europeus, “o que definiu, oficialmente, a vinda dos imigrantes ao Brasil foi a chegada do cargueiro Kasato

Maru ao Porto de Santos. No dia 18 de junho do ano de 1908, a embarcação trouxe em média 781 imigrantes (165 famílias) que comportou cerca de 52 dias” (ALMEIDA, 2007, p.19). Japoneses que chegaram com um enorme desejo de prosperarem no país tropical, porém, não foi nada fácil a adaptação desses povos, devido as enormes diferenças de idioma, costumes e do clima.

Essa onda emigratória japonesa ao Brasil iniciada em 1908 trouxe, “segundo a Embaixada do Brasil em Tóquio, 188.986 imigrantes no período que vai da chegada do Kasatu Maru (18 de junho de 1908) até 1941” (ALMEIDA, 2007, p.19), os quais se destinavam em sua maioria para as lavouras de café no estado de São Paulo que, ainda hoje, comporta o maior número de imigrantes e descendentes de japoneses do país. Essa imigração japonesa teve uma interrupção com o início da Segunda Guerra Mundial, quando existiu uma perseguição, por parte do governo brasileiro, a esses japoneses. Houve uma reconciliação e retomada desse processo imigratório, somente após o fim da Segunda Guerra, quando as leis contrárias a imigração de japoneses foram extintas, promovendo a retomada do fluxo imigratório oriental (ALMEIDA, 2007). Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 o Japão estava devastado, a destruição e miséria que assolava os habitantes levaram os japoneses a abandonarem sua terra natal aventurando-se em outros países (ALMEIDA, 2007). Essa foi a motivação que trouxe ao Brasil uma grande quantidade de imigrantes japoneses, a partir da década de cinquenta, a exemplo dos que passariam a se instalar em Jaguaquara-Ba, como relatou em entrevista a professora Sandra Sayuri Shibasaki, neta do Sr. Mitsuo Shibasaki, pioneiro entre os japoneses vindos à Jaguaquara-Ba, que enfrentando o problema da fome no Japão e atraído pelos incentivos do governo brasileiro, partiu com sua esposa a Sra. Tomeo Shibasaki e seus quatro filhos, Toshiko, Aiko, Rioko e Tadao para o Brasil, em busca de melhores condições de vida (SHIBASAKI, 2018). A mesma destaca

Vindo de um reino muito distante, do outro lado do mundo, do país do sol nascente. Fugindo da guerra trouxe na bagagem muitos sonhos. Ele e sua família nada sabiam da terra prometida. Tudo era novo, estranho. Não compreendiam a língua, não sabiam sobre a cultura, mas na luta pela sobrevivência se lançaram em novos mares (Sandra Sayuri Shibasaki).

Esses imigrantes atravessaram o planeta para chegarem ao Brasil, passando vários dias em alto mar

Chegaram a terra Brasilis depois de 42 dias rompendo mares, eis que chegam aqui Bahia terra de todos os santos. Apesar do amor e saudade de sua terra, o pós-guerra os forçou a sair. A saudade sufocava, deixava muitos dos seus, mas era necessário prosseguir (Sandra Sayuri Shibasaki).

Família japonesa essa, que chegando em território brasileiro foram instalados na Colônia JK, situada na Bahia, “eles não vieram logo para cá, eles ficaram na colônia JK. ” (SHIBASAKI, 2018), sendo que

O Núcleo JK foi a primeira colônia do Estado da Bahia organizada pela intervenção das instâncias federal e estadual. Planejado de acordo com os objetivos do governo estadual de formar um cinturão verde no entorno da cidade de Salvador, foi criado para introduzir agricultores brasileiros e japoneses (BRASIL, 2004 p. 27)

Núcleo esse que antes mesmo da chegada dos japoneses já era composto por famílias de agricultores brasileiros, “o assentamento dos brasileiros se realizou em 1957, época em que o Núcleo JK foi inaugurado. Posteriormente, a partir de 1959, foram introduzidos os japoneses, tendo-se registrado a última leva de imigrantes em 1962. ” (BRASIL, 2004). Foi por volta do ano de 1959 que o sr. Mitsuo Shibasaki e sua família, junto a outros japoneses, chegaram em terras brasileiras, dirigindo-se para o núcleo JK (SHIBASAKI, 2018), como já mencionamos. “Mas a maioria dos colonos japoneses não permaneceu no NJK. Muitos migraram para outras regiões brasileiras, ou retornaram ao Japão” (BRASIL, 2004 p. 27). O mesmo ocorreu com o sr. Mitsuo, que tempos depois, deixou o núcleo em direção à Jaguaquara-Ba, trazendo consigo sua esposa e filhos, “vieram através do Dr. René Dubois e o cunhado dele, o Dr. Eliezer. ” (SHIBASAKI, 2018). Ao chegarem em território jaguaquarense, assim, como os imigrantes italianos, esses japoneses receberam lotes de terra para produzirem, mas, encontraram grandes dificuldades, já que eram essas terras, áreas densas de mata de cipó, que tiveram que ser desbravadas através do trabalho braçal, com o auxílio de bois na aragem dos solos (SHIBASAKI, 2018).

As atividades realizadas pelos japoneses foram voltadas à agricultura, a tradição japonesa do cultivo de verduras foi introduzida à cultura local, entre outras coisas, o cultivo do repolho e do chuchu, antes desconhecidos na região, tornando o município o maior produtor de chuchu da Bahia (Diagnostico municipal de Jaguaquara-Ba.2013). Destacamos que, embora, se saiba que “o Brasil possui a maior colônia de japoneses imigrantes em todo mundo” (ALMEIDA, 2007 p. 22), foram poucos os japoneses que vieram para Jaguaquara-Ba, algumas poucas famílias orientais passaram por essa região, todavia, foi a família Shibasaki que com muita luta se estabeleceu, concretamente, nessas terras jaguaquarenses, prosperando e contribuindo com o crescimento municipal.

E mesmo sendo intuito dos japoneses, voltarem ao seu país de origem (ALMEIDA, 2007), isso raramente ocorria. A exemplo da família Shibasaki que se instalou em Jaguaquara/BA, mantendo a esperança de um dia retornar a sua terra natal, todavia, o senhor Mitsuo morreu sem

antes ter concretizado esse sonho (SHIBASAKI, 2018). Mas o que ele talvez não sabia, é que o seu sobrenome marcaria a história daquele pequeno município no sudoeste baiano, no qual faleceu, deixando um lindo exemplo de vida e descendentes que deram continuidade aos seus trabalhos.

Adriano Shibasaki, um dos seus filhos, importante agropecuarista e empresário do ramo alimentício, falecido em 2016, foi um dos seus descendentes, que atuou durante muito tempo, como diretor executivo da empresa Comercial de Alimentos Shibasaki, no Mercado Produtor Ceasa da cidade. Hoje a família segue no ramo herdado do patriarca o sr. Mitsuo Shibasaki. Foi em homenagem aos imigrantes vindos para Jaguaquara/BA que foi construído, na gestão do ex-prefeito Ítalo Rabelo do Amaral, a praça dos imigrantes, dedicada a esses povos que marcaram essa região, onde localiza-se um memorial com estátuas dos três principais grupos de imigrantes, o português, o Italiano e o japonês.

Figura 01: Monumento na praça dos imigrantes



FONTE: Os autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi elucidado, não foi por acaso que Jaguaquara-Ba tornou-se a maior cidade do Vale do Jiquiçá e referência, entre os municípios baianos, na produção de hortifrutigranjeiros, isso se deve às inúmeras contribuições dos imigrantes que se estabeleceram nessa localidade, influenciando, não somente, na economia e agricultura como, também, nos aspectos culturais, na

religiosidade, educação, arquitetura, na formação sócio espacial como um todo. Essa mistura, característica brasileira, de indígenas, africanos, europeus e asiáticos resultaram nessa diversidade cultural, moldando os costumes do povo jaguaquarense, terra que ofereceu aqueles que aqui se firmaram, tudo o que precisavam para prosperarem, e junto a eles cresceu o município, que mesmo pequeno em extensão, passou a ser o mundo para todos que, de diferentes pontos do planeta, mudaram-se para Jaguaquara-Ba e, sobretudo, para os que nasceram nesse lugar. Assim sendo, é de extrema importância o conhecimento do contexto espacial no qual está inserido e do qual faz parte ativamente, enquanto sujeitos que produzem o espaço geográfico. Compreendendo, o passado histórico e as modificações provocadas pelo homem no decorrer do tempo nesse espaço, que não é um lugar isolado do resto do mundo, compondo uma porção de outros lugares, que se interligam em diferentes níveis.

REFERÊNCIAS

ROSA, Armando. **História de Jaguaquara e suas paisagens humanas**. 1ª ed. 2016.

FARIAS, Lígio. **Uma História... Jaguaquara com outras histórias**. 2ª ed. 2011.

A EMIGRAÇÃO ITALIANA PARA A BAHIA. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF32/ARTIGO_10_SECAO_LIVRE_GIUSEPPEFEDERICO_BENEDINI_FENIX_JUL_DEZ_2013.pdf. -Acesso em 18.09.18

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade: Ensaio**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982 Disponível em: ricardoantasjr.org/wp.../05/formação-socioespacial-como-teoria-e-como-método.pdf – Acesso em 18.09.18

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 1996. Disponível em: [http://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20\(Col%F4nia\).pdf](http://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20(Col%F4nia).pdf)-Acessado em: 23.09.18

<http://www.nilson.pro.br/ESCRAVID%3%83O.pdf> -Acesso em 30.09.18

<http://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2013/05/1.-O-TRABALHO-COMPULS%3%93RIO-NO-BRASIL-COL%3%94NIA-Dirceu-Marchini-Neto.pdf> -Acesso em 30.09.18

Evolução da economia brasileira do século XVI ao século XX. Disponível em: https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/1944/4.EVOLUCAO_ECONOMIA_BRASILERA.pdf. -Acesso em 30.09.18

FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana do segundo pós-guerra e a indústria brasileira dos anos 50.** Campinas, SP : [s.n.], 2003. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000063.pdf>. - Acesso em 18.10.18

A imigração após a Segunda Guerra. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/reportagens/italia/entrevista.asp> - Acesso em 18.10.18

Diagnostico municipal de Jaguaquara. Disponível em: www.comunicidades.files.wordpress.com/2018/03/diagnc3b3stico-municipal-de-jaguaquara-ba.pdf >. Acessado em 22.10.18

ALMEIDA, Sandra Cecília Rosendo de. **Imigração Japonesa e Identidade Nacional**, Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/9420/1/20269167.pdf>. - Acesso em 20.10.18

BRASIL, Antônia Eloísa. **Organização socioespacial e transformações socioeconômicas do Núcleo JK, Mata de São João** - Camaçari, Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/17829/1/Antônia%20Eloisa%20Brasil.pdf> _Acesso em 20.10.18

SHIBASAKI, Sandra Sayuri. Entrevista concedida a Edinaldo Da Silva Santos. Jaguaquara-Ba, 24 de outubro de 2018.

<https://noticias.r7.com/bahia/a-bahia-que-a-gente-gosta/videos/a-bahia-que-a-gente-gosta-mostra-jaguaquara-16102015> - Acesso em 25.10.18

<http://www.jaguaquara.ba.io.org.br/informacoesGeograficas> - Acesso em 14.11.18